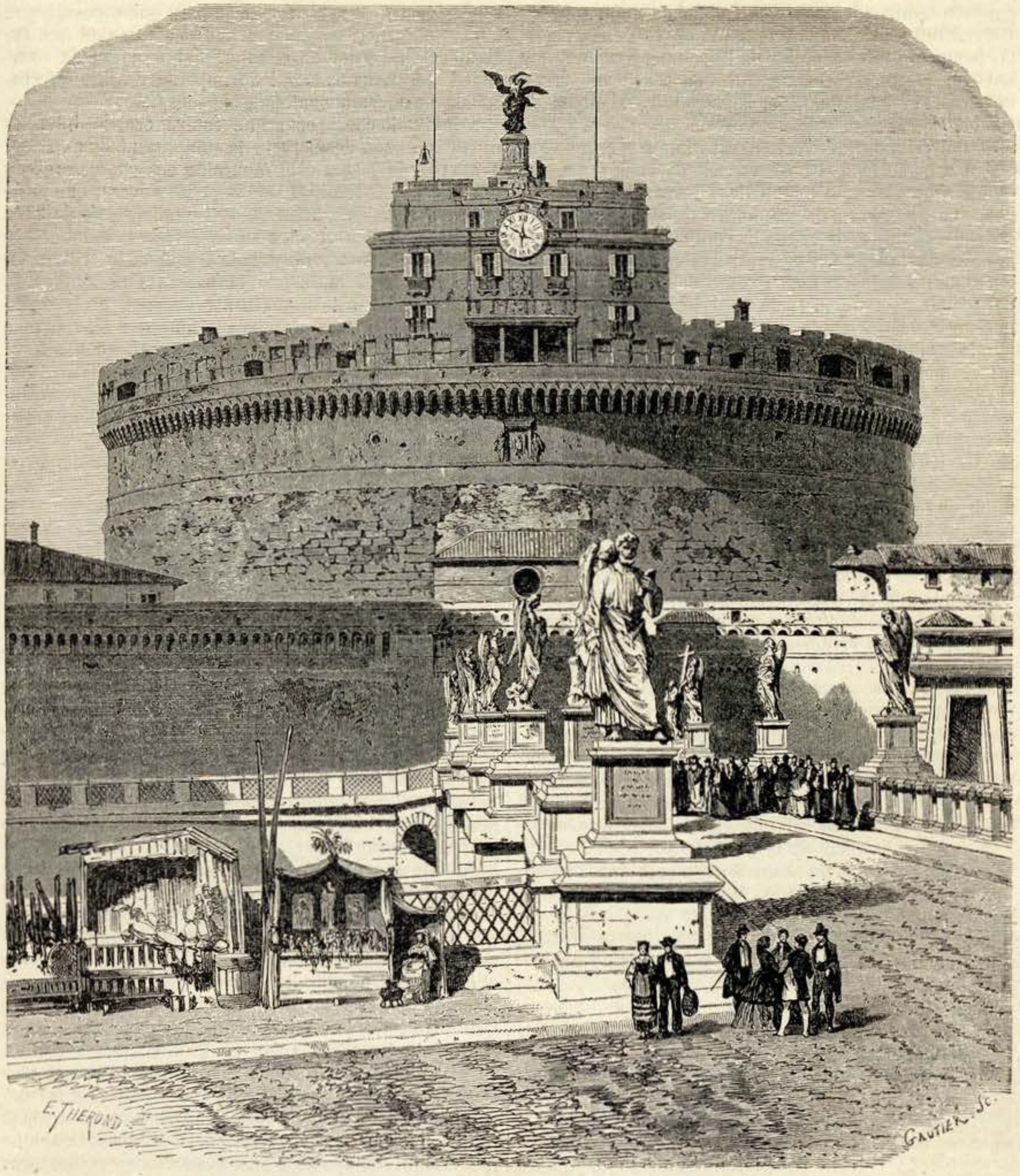


Mausoléo de Adriano, actualmente castello de Santo Angelo

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

I

Ninguem ignora, certamente, que os imperadores romanos viviam com luxo e esplendor desmesurados. A descripção dos paços em que residiam, e das pompas que os cercavam, amesquinha e deixa em sombras o fausto e apparato dos soberanos que hoje reinam.

Pois se na vida não punham limite aos excessos da vaidade, a ostentação que faziam d'ella depois da morte não era menos pasmosa. Os tumulos, que para si proprios edificaram alguns imperadores, podiam mover inveja, pelas suas proporções colossaes e pela riqueza da ornamentação, aos mais esplendidos palacios dos potentados da terra, e até aos mais afamados templos do paganismo.

Os imperadores Augusto e Adriano foram os que mais sobresaíram pela grandeza e sumptuosidade dos mausoléos que mandaram construir para sua ultima morada. O do imperador Augusto, erigido no campo de Marte, em Roma, despojado das mil variadas esculpturas que o adornavam e enriqueciam; injuriado pela mão do tempo, e ainda mais pelo vandalismo dos homens, do que foi pouco mais mostra, ao presente, do que a vastidão do seu ambito, transformado agora, por escarneo e como para escarmento das vaidades humanas, em praça de toiros!

O mausoléo do imperador Adriano tem uma historia longa, cheia de episodios sinistros e horriveis, que a fazem não menos povoada de desenganos para os que em vida sonham nas vaidades além da campa.

P. Ælius Adrianus nasceu no anno 76 da era christã. Declarado filho adoptivo do imperador Trajano, que era seu primo, succedeu no throno a este monarcha no anno 117, contando, por conseguinte, 41 annos de edade.

O seu reinado foi glorioso para Roma, porque concedeu a paz aos parthos; venceu os alanos, os sarmatas e os daces; debellou duas insurreições dos judeus, castigando-os da primeira vez com a destruição da sua capital, e da segunda com a expulsão de todo o povo da Judéa; fez cessar a perseguição contra os christãos; empregou uma grande parte do seu tempo em visitar as provincias do imperio, para se informar das necessidades publicas, e da maneira por que era administrada a justiça; promulgou leis sábias, dotando o paiz com o codigo denominado *Édito perpetuo;* amou e protegeu as artes e as sciencias, cultivando a poesia, á qual consagrava os momentos de ocio. Em fim, deixou boa memoria de si em muitas obras uteis e acções louvaveis que praticou, embora alguns actos, principalmente da sua vida privada, deslustrassem um tanto as brilhantes qualidades que possuia. Morreu, contando 62 annos, na era de 138.

O imperador Adriano tinha, entre outros defeitos, um que fôra commum aos seus antecessores, e que legou aos que lhe succederam no throno. Era esse defeito o amor desenfreado do luxo e da ostentação, triste fructo das riquezas alcançadas pelas victorias e pelas conquistas; esse vicio fatal que ia lavrando rapidamente entre o povo romano, e que mais tarde, depois de lhe ter corrompido os costumes e enervado a energia, o entregou á mercê dos seus inimigos.

O imperador Adriano, pois, julgando que perpetuaria a grandeza do seu nome com a magnificencia de um sepulchro, resolveu mandar construir para si um mausoléo que excedesse, no colossal das proporções e na sumptuosidade da ornamentação, o do imperador Augusto, que era considerado com justa razão, por possuir aquelles dotes, uma das maravilhas de Roma.

Não obstante o fervor com que se deu principio á obra, correndo o anno de 135, e com que progrediram os trabalhos durante os tres ultimos annos do reinado de Adriano, quando este falleceu ainda o edificio estava distante da sua conclusão. Todavia, já se achava em estado de receber as cinzas de Ælius, filho adoptivo do fundador, que ahi foram depositadas, e depois as do imperador Adriano.

Não se levantou mão da obra nos dois reinados seguintes, até se lhe pôr o remate.

Compunha-se este soberbo monumento de quatro corpos, todos de fórma circular. O primeiro, servindo de envasamento ao edificio, consistia em uma bem construida muralha de cantaria, alta, e apenas decorada ligeiramente na parte superior. Não havia n'ella mais abertura que uma grande porta, que dava entrada para o edificio, e deitava para uma ponte magestosa, chamada *Pons Ælius*, fundada pelo mesmo imperador Adriano sobre o Tibre, para dar communicação da porta de Roma denominada *Aurelia* para o mausoléo.

O segundo corpo ficava mais recolhido. Era tambem muito alto, e todo guarnecido em volta de columnas, tendo nos intervallos estatuas colossaes, e sustentando um entablamento coroado de estatuas em correspondencia ás columnas, tudo de excellente marmore de Paros, primorosamente esculpido.

O terceiro corpo era egual ao segundo na fórma, nas proporções e na ornamentação. Estava, porém, um pouco mais recolhido, tanto quanto bastava para que ficassem desaffrontadas as estatuas que se erguiam sobre o entablamento do corpo inferior.

D'este mesmo modo se levantava o quarto e ultimo corpo, com a altura necessaria para que a cupula que o cobria começasse logo acima das estatuas que faziam coroa ao terceiro corpo. Sobre a cupula campeava a estatua colossal do imperador Adriano, cinzelada na mesma qualidade de marmore.

A magnificencia com que estava ornado interiormente em nada desmerecia da sumptuosidade exterior.

Serviu de jazigo este mausoléo aos successores de Adriano e suas familias, até Septimo Severo, que principiou a reinar no anno de 193 e falleceu no de 211.

Por mais dois seculos se conservou o monumento de Adriano intacto, respeitado e admirado. Porém no fim d'esse periodo, sendo já passados os tempos de gloria e poderio do imperio dos Cesares, e chegando a ousadia dos seus inimigos a affrontar os romanos junto das portas da sua propria capital, soou a hora do infortunio e opprobrio para o colosso do Tibre, que se ensoberbecia das cinzas imperiaes que lhe estavam confiadas, e dos primores de arte com que se adornava.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 252)

Teve o chanceller opportunidade de fallar á rainha D. Catharina no assumpto de que el-rei o encarregára. Mas assim que elle começou, em som de preambulo, a manifestar a mágoa que lhe causava a discordia que havia entre suas magestades, interrompeu-o a rainha, protestando que não era a causadora, e proseguiu defendendo-se com tal vehemencia e tão copiosa torrente de lagrimas, que o chanceller teve de retirar-se, dizendo apenas, que esperaria occasião em que sua magestade estivesse em estado de ouvir os conselhos do seu fiel subdito [1].

No dia seguinte foi visital-a e achou-a mais tranquilla. E tanto que se desculpou da exaltação com que na vespera o interrompêra; assegurando-lhe que o tinha por um dos seus poucos amigos em Inglaterra; e que estava disposta a receber os seus conselhos. Que elle chanceller bem devia reconhecer que ella vivia lacerada de angustias por que nunca passára nenhuma mulher da sua jerarchia, e que a violencia da dor a propellia a desafogar o coração em queixumes e pranto.

O chanceller, mostrando-se condoído das lamentações da rainha, e protestando que a sua ventura dependia da concordia de suas magestades, observou á rainha que tambem se devia queixar da educação que lhe tinham dado, não a instruindo sobre as loucuras e iniquidades do genero humano, do que havia mais exemplos no paiz d'onde ella vinha, do que nas frias regiões da Gran-Bretanha. Que se a houvessem informado do que era o mundo, certamente sua magestade se não julgaria tão infeliz; que elle pela sua parte não podia comprehender em que sua magestade fundava tão amargas queixas. Então a rainha, córando e deixando cair algumas lagrimas, disse «que não suppunha viesse achar o rei seu marido affeiçoado a outra mulher.»

Como o choro não a deixasse continuar, o chanceller apressou-se a dizer que lhe trazia uma mensagem do rei; que se ella a recebesse, como esperava, viria a ser a rainha mais feliz da Europa. Referiu-lhe depois, que as relações illicitas do rei antes do casamento não se lhe deviam estranhar, por ter passado a sua mocidade nas cortes da Allemanha e da Hollanda; mas que elle chanceller estava auctorisado para

[1] Clarendon — *Mem.*, tomo II.

assegurar a sua magestade a rainha, que todas as affeições do rei estavam extinctas, e que elle respondia pela fidelidade que o soberano devia a sua mulher.

A rainha escutou o conde de Clarendon com visivel satisfação; e, agradecendo os seus bons officios, pediu-lhe que a ajudasse a obter do rei seu esposo o perdão dos dissabores que lhe tinha causado, e a certifical-o da submissão e obediencia que ella lhe prestaria d'alli por diante.

Animado com estas palavras da rainha, o chanceller começou a expor a segunda parte da sua mensagem, insinuando que, para recompensar o affecto que o rei promettia a sua magestade, ella não devia contrariar a nomeação da sua nova dama de honor.

Apenas o chanceller proferiu estas palavras, a rainha enfureceu-se com o mesmo arrebatamento que tivera no dia antecedente, porém com menos chôro, porque era fogo, e não lagrimas, o que lhe saía dos olhos; dizendo que se o rei insistia n'este despacho, era porque a aborrecia, e intentava expol-a ao desprezo do mundo, se ella supportasse similhante affronta; mas que, em vez de consentir em tal abjecção, embarcaria no primeiro navio que a podesse transportar a Lisboa. O chanceller respondeu-lhe com aspecto severo, que sua magestade não podia dispor da sua pessoa, nem deixar a casa que habitava, sem consentimento de seu marido; e pediu-lhe que não respondesse ao rei com tanto arrebatamento, porque se arriscaria a provocar-lhe a colera, e ser inevitavel o rompimento; que, se persistisse em recusar o seu assenso, o fizesse em termos que mais parecesse uma dilação que a negativa terminante.

O chanceller foi dar conta ao rei do que se tinha passado, aconselhando-o a que por alguns dias deixasse de fallar á rainha sobre este assumpto. Mas Carlos não pôde sopear o seu resentimento, e n'essa mesma noite exprobou á rainha a sua obstinação e desobediencia; e ella arguiu-o de tyrannia e desamor, protestando contra os maus tratamentos que se lhe davam, e que queria retirar-se para Portugal. O rei observou-lhe que primeiro devia mandar saber se sua mãe a receberia, para o que tinha boa occasião, porque elle ia despedir todos os criados portuguezes que ella trouxera, e dar ordem para embarcarem immediatamente para Portugal, porque eram elles os conselheiros da obstinação de sua ama.

Desde este dia a rainha não quiz mais sair do seu quarto. Triste, lacrimosa e só, maldizia a sorte que lhe dera a soberania por tão aviltado preço.

O rei distrahia-se na sociedade dos que lhe alimentavam as suas tendencias lascivas; ahi passava as noites, e só de madrugada entrava na camara da rainha, porque nunca dormia fóra de palacio.

O chanceller esteve tres dias sem ir ao paço, e quando alli foi absteve-se de fallar á rainha; mas, instado novamente pelo rei, prometteu-lhe que empregaria todas as argucias para a resolver. E assim o fez com tanta efficacia, que ella lhe prometteu, sempre com as lagrimas nos olhos, que pediria perdão a sua magestade, e a Deus que lhe désse paciencia para se resignar ao seu fatal destino.

Então o chanceller aproveitou estes protestos de resignação para dizer á rainha que, a respeito da nomeação da sua dama, tinha recebido ordem mui positiva do rei para conseguir a decisão d'esta pendencia. Que elle reconhecia que sua magestade não podia annuir sem repugnancia, mas perguntava respeitosamente se era ella quem tinha o direito de recusar, ou o rei a auctoridade de obrigar.

A isto replicou a rainha com dignidade, que sabia ter o direito de consentir ou de não consentir, mas que não desesperava da bondade do rei, para que elle desistisse de uma nomeação tão indecente para sua magestade como affrontosa para ella. Que não negava o poder do rei para a constranger, vendo que ella não tinha nenhum meio de subtrahir-se á sua vontade; mas que ninguem sabia melhor que elle chanceller, ter-se o rei obrigado a deixar-lhe a escolha dos seus criados, e que, se procedesse de outro modo, tinham-n'a enganado.

Respondeu-lhe o chanceller, que ella teria sempre o privilegio da escolha, mas que este caso era excepcional, por ser uma recommendação de seu marido; e pediu-lhe com as mais fervorosas instancias houvesse de submetter-se voluntariamente ao que não podia evitar; assegurando-lhe que, se o não fizesse a tempo, se havia de arrepender.

Ao que D. Catharina replicou tranquillamente, que não temia arrepender-se de haver negado o consentimento, porque a sua consciencia lh'o não permittia.

Vendo, porém, que estas palavras tinham resentido o chanceller, accrescentou, que não comprehendia como houvesse quem deixasse de perceber que o seu consentimento facilitaria occasião ao peccado.

O chanceller, como bom cortezão, replicou, que sua magestade não fazia o devido conceito dos seus encantos e do seu espirito, aliás não receiaria que outra mulher a privasse dos affectos a que ella tinha direito; excepto se chegasse a attribuir ao rei seu marido a mais execravel perfidia, o que não podia suspeitar com razão.

Esta longa conferencia terminou com estas palavras da rainha: «O rei póde fazer o que lhe aprouver, mas não com o meu consentimento.»

O chanceller deu conta ao seu soberano do que se havia passado, e pediu-lhe que o desonerasse de um encargo em que havia sido tão mal succedido.

Desde então o rei nunca mais procurou a rainha, e se acaso se encontravam não lhe fallava. Entregou-se a todos os desvarios, a todas as licenciosidades a que a sua corte, dissoluta e incredula, o provocava. Marcou dia para o embarque dos portuguezes que compunham a comitiva de D. Catharina, sem ao menos escrever ao rei ou á regente de Portugal, explicando-lhe a causa de tal procedimento!

A rainha attribulou-se cruelmente com este acto brutal, sobre tudo por não ter com que recompensar os que a haviam acompanhado, deixando o seu paiz, com promessa de exercerem os melhores logares da sua casa. Foi por isso violentada a pedir ao rei seu marido que ao menos lhe deixasse alguns dos seus nacionaes, para que não ficasse inteiramente rodeada de estranhos. Por intercessões que a rainha alcançou, o rei consentiu em que ficasse a condessa de Penalva, que tinha educado D. Catharina e era sua camareira-mór. Ficou tambem um capellão catholico, duas aias, os criados da cozinha e alguns musicos. Toda a mais comitiva foi transportada para Portugal.

Deu-se ordem para liquidar o dote; e Diogo da Silva, thesoureiro da rainha, foi preso por não ter ainda ultimado a venda dos generos que faziam parte do dote, como já dissemos. Esta prisão acabou de abater o animo de D. Catharina, porque a tomou como uma vingança affrontosa.

O nosso embaixador, marquez de Sande, que tinha perdido a confiança da rainha por querer bem servir o rei, atemorisado com este rompimento, caíu doente e esteve em perigo de vida. Assim que se pôde levantar, deixou Hampton-Court e foi para Londres.

Durante este tempo, Carlos fez a sua vontade. A condessa de Castlemaine foi alojada no paço e apparecia todos os dias á rainha. O rei, em publico, conversava aturadamente com a condessa, sem fazer caso da rainha; e se ella, indignada d'este escandalo, se levantava retirando-se para os seus aposentos, só uma ou duas pessoas a seguiam; as mais ficavam na sala murmurando em voz alta o que ninguem devia tolerar se lhe dissesse ao ouvido.

Todas as noites havia reunião no paço, a que assistia a favorita do rei, e se permittiam liberdades e ditos indecorosos. A rainha evitava quanto podia apparecer n'estas recepções, mas depois, tendo perdido as esperanças de voltar a Portugal, consentiu em fallar á condessa, admittiu-a na sua camara, e por fim parecia tratal-a com sincera amizade.

Esta subita mudança, quando o rei se mostrava cada vez mais apaixonado da condessa, causou mais reparos contra a rainha que a resistencia em que por tanto tempo persistíra. Mas tanto ella era digna de compaixão, que se lhe louvou este acto de reprehensivel longanimidade.

Os amigos do rei o instaram para que tratasse a rainha com as attenções que lhe devia; notando que o seu procedimento para com ella lhe tinha perdido a affeição dos seus vassallos e provocado a colera de Deus; que se a rainha continuasse a viver tão cheia de attribulações, não era de esperar que tivesse filhos, o maior, se não o unico bem que faltava ao rei de Inglaterra. Mas tudo foi baldado!

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

I

Sobre vistosa e amena collina, que se prolonga de norte a sul, assenta a antiga e notavel villa de Castello de Vide, rica de recordações historicas e fertil em todos os productos agricolas necessarios á vida; mirando-se pelo norte e oriente em vasta amplidão de vergeis, olivedos e vinhas, entre as quaes sobresae a justamente afamada quinta do Prado [1], onde ha pouco mais de trinta e cinco annos chiava o carro de Ceres, ou se ouvia, ao descair da tarde, o balar da timida ovelha, e hoje se admira o mais verde, variado e pittoresco oasis que em pouco tempo tem podido crear o genio e o estudo de um homem activo e trabalhador. Avistando pelo occidente a formosa cordilheira de alcantilados penhascos, que lhe fica parallela, e de que a separa a vicejante bacia, que, disputando os primores a Cintra, maravilha e diverte a curiosidade do espectador mais attento, esta villa, com o seu castello meio derrocado, parece contemplar desdenhosa as cristas mais elevadas que vem assombrar-lhe as muralhas.

Na parte mais meridional da villa avulta e ergue-se magestoso o edificio que outr'ora habitaram os frades recoletos, e hoje é asylo de Nossa Senhora da Esperança, venerando e respeitavel principalmente por ser a primeira instituição piedosa que n'este paiz se destina exclusivamente para aliviar o amargosissimo soffrimento dos infelizes de ambos os sexos a quem não é dado contemplar os rubores da aurora, nem os fulgores do meio-dia; os quaes, albergando-se n'aquella casa de caridade, quando o mundo quasi os repelle de si como inuteis, acham n'ella, com o perfume do christianismo, todas as commodidades a que póde aspirar na terra quem, costumado a *comer o pão com o suor do rosto,* sentiu murchar-se a esperança de recuperar a vista.

Pia e humanitaria como a de Miguel Contreiras [2], esta instituição excede aquella em ser parto da caridade de um só homem, que a expensas suas lhe lançou os fundamentos; que a dotou sem recorrer ao obulo dos cidadãos caridosos, nem á liberalidade régia. Grande foi, e ainda é, a instituição de Miguel Contreiras, mas careceu do régio amparo; a outra, porém, gerada no sublime coração do instituidor, precisou apenas de desenvolver-se ao abrigo da sua casa, bafejada pelo sôpro divino, e por isso a suppomos maior.

II

O asylo para cegos de ambos os sexos da villa de Castello de Vide foi instituido e dotado com perto de noventa contos de réis, em bens de raiz, pelo bacharel João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro.

De Diogo Affonso de Sequeira, que vivia pelos annos de 1474, descendia por linha varonil directa Manuel Dionizio Carrilho de Sequeira, que era seu setimo neto, e casou com D. Joanna Catharina Xavier da Costa Juzarte, de quem houve dezoito filhos, seis dos quaes lhe sobreviveram e foram sexagenarios. Morreu Manuel Dionizio com 75 annos, soffrendo apenas a myopia; e dos filhos o primogenito falleceu quasi cego, dois padeceram a operação da cataracta e ficaram com alguma vista; das duas senhoras uma está cega, e a outra falleceu sem vista, não querendo nunca, como sua irmã, sujeitar-se á operação que já padeceu a unica de suas cinco filhas, que ainda existe. E de tão numerosa descendencia de Manuel Dionizio só o filho mais moço, o sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, passando a edade critica dos 40 annos, edade em que a cataracta começava a apparecer n'esta familia, chegou aos 65 annos conservando felizmente a vista sem detrimento algum, sendo o actual administrador do asylo dos cegos.

Achava-se João Diogo na edade de 56 annos, solteiro, sem descendencia nem varão em que se perpetuasse a familia e a successão aos vinculos que administrava — a tão pouco se havia reduzido a familia, pela morte de uns e voto de castidade de outros de seus irmãos! Resolveu por isso ligar-se em matrimonio com sua sobrinha, D. Helena Isabel de Barros Castello Branco, que representava a familia na linha feminil. Poucos momentos viveu o primeiro filho d'este matrimonio, e dos outros dois murcharam-se as esperanças ainda mais cedo.

Desenganado de que não podia ter familia propria, e como quem não ignorava a lastimavel sorte dos que sentem falta de vista, na desgraça dos irmãos e na d'elle aprendeu a compadecer-se dos companheiros do infortunio, e, de harmonia com a esposa, concebeu o grandioso e caritativo projecto de instituir um asylo para cegos de ambos os sexos sob a invocação e protecção de Nossa Senhora da Esperança.

Em tão piedosa determinação era-lhe obstaculo a falta de edificio em que estabelecesse os cegos, pois não se prestava a isso, por mal situado, o convento do castello, que fôra destinado para freiras, e não chegou a concluir-se por serem embargadas as obras no segundo quartel do seculo passado; o de S. Francisco (onde hoje está o asylo), dividido em duas partes, ambas em ruinas, pertencia ao ministerio da guerra e ao da fazenda; e as fortificações da villa, que foi praça d'armas, circumscrevendo a povoação em área já acanhada, não lhe davam logar a nova edificação. Estas fortificações compunham-se d'aquellas que foram construidas em 1281, e onde el-rei D. Diniz, em guerra então com seu irmão, foi procurado pelos embaixadores de Aragão, que vieram ratificar o casamento da rainha Santa Isabel, fortificações que o mesmo rei veiu a continuar, e das que depois se vieram fazendo até ao anno de 1710, em que se edificaram umas e reconstruiram outras, que os hespanhoes haviam destruido quando entraram n'esta villa em 1704.

N'estas circumstancias havia uma providencia unica a aproveitar. Em 8 de dezembro de 1855 fôra mudado o hospital da Misericordia do proprio edificio para o convento de S. João de Deus, e aquelle achava-se abandonado: era pedir temporariamente aquella casa, e esperar que se vendessem as ruinas do con-

[1] É a propriedade do sr. Lecoq.
[2] Tambem fundador da Misericordia de Castello de Vide.

vento de S. Francisco, que eram accommodadas a uma edificação mais regular e mais conveniente aos infelizes cegos, visto como a sua reedificação, por menos dispendiosa, lhes conservava melhor patrimonio, que n'aquelle tempo apenas podia constituir nos bens não vinculados.

Em portaria de 18 de abril de 1856 dignou-se sua magestade auctorisar a mesa da Misericordia a ceder a tão benemerito cidadão a parte do edificio de que carecia para estabelecer o asylo, louvando procedimento tão bizarro quão piedoso.

III

Vendo-se o fundador já no ultimo quartel da vida, sem mulher e sem filhos, não quiz perder tempo; assim, procurou reparar o antigo hospital de fórma que commemorasse o primeiro anniversario da viuvez rodeado da sua nova familia. Com este intuito solicitou da mesa da Misericordia a entrega da parte do edificio, cujo emprestimo tinha já a sancção régia, e, cuidando logo em o adaptar ás commodidades dos cegos, veiu a inaugurar o asylo, como desejava, no dia 20



Os cegos de Castello de Vide

de julho de 1863, merecendo d'est'arte que Deus, coroando-lhe os esforços, lhe désse a elle, aos pobres cegos e aos seus patricios o mais faustoso dia que jámais tiveram.

No magestoso templo da Misericordia se celebrou com a maior alegria e jubilo a festa religiosa da inauguração com quatro cegas e dois cegos. Esplendida festa, porque soube despertar em muitos os verdadeiros sentimentos de caridade, que só o christianismo póde gerar, e fez extinguir em alguns a memoria de antigas offensas!

Seguiu-se o jantar e installação dos cegos nas respectivas enfermarias; e no seu regresso para casa acompanharam João Diogo, além de seu irmão, o ex.^mo José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, e de outros parentes e amigos, muitas pessoas distinctas, que todas se encheram de commoção quando acharam decorados com damasco os edificios das ruas por onde devia passar o veneravel cidadão que acabava de nobilitar a terra da sua naturalidade e o seu paiz com mais um estabelecimento de caridade.

A camara municipal honrou esta festa com a sua presença, e á noite mandou repicar os sinos da torre do municipio.

A povoação illuminou-se espontaneamente. A alegria era verdadeira e geral.

Eram passados dois annos depois que os infelizes cegos sentiam menos pesada a sua cruz, e o seu bemfeitor, que via chegar o termo da existencia e dos padecimentos, esperava dias melhores para desencarregar-se da divida que contrahíra perante a sociedade, os cegos e a esposa; pelo que, apenas melhorado, cuidou de redigir, de accordo com o irmão, os estatutos, que datou de 25 de março de 1865, e que foram sanccionados por decreto de 25 de outubro de 1866.

Escriptos os estatutos, mandou lavrar o testamento e o mais que respeitava á instituição do asylo no começo de junho de 1865; e sessenta dias depois já não era d'este mundo! Consummada a obra, apagára-se-lhe a vida!

(Continúa)

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 224)

VI

O ROCHEDO PENA DO POYO—O OLHO DA MIRA
GRUTAS SUBTERRANEAS

A serra de Ayre é, a muitos respeitos, uma das mais importantes montanhas da provincia da Estremadura. Começa no concelho da villa de Ourem, no sitio chamado *Furadoiro*. D'aqui até ao logar de Minde, em uma distancia de vinte e tantos kilometros, é geralmente conhecida com o nome de serra de Ayre, embora haja quem a denomine serra de Minde. Continúa a correr a montanha por grande extensão de territorio até se unir á serra de Montejunto, proximo do logar do Cercal. N'esse trajecto vae tomando os nomes de serra do Patello, Val da Trave, Albardos, Mendiga, Porto de Moz, Alcanede, Arrimal, Val de Ventos, e Candeeiros.

É rica esta serra em mineralogia, pois contém pedreiras de excellente marmore; encontra-se n'ella spatho calcareo, azeviche e cristal, minas de ferro, e dizem que tambem de prata. Infelizmente, todas estas riquezas estão por explorar. A sua flora é copiosa e variadissima. Encerra mui ferteis valles, e das suas entranhas nascem quatro rios abundantes de agua: o Lena, que banha os muros de Leiria; o Liz, que se lança no Lena; o Almonda, que atravessa Torres Novas; e o Alviella, que passa junto de Pernes, e que a companhia das aguas projecta trazer a Lisboa.

Tambem é muito notavel esta serrania por varias curiosidades naturaes que n'ella se vêem, taes como a *Pia Carneira*, as *Lapas* e o *penedo do Padrão;* o *Algar do Cabeço das Pombas* e o *Olho da Mira*.

Vamos dar noticia d'esta ultima curiosidade natural com as proprias palavras com que a descreve o padre Luiz Cardoso no seu *Diccionario geographico:*

«Entre os logares de Minde e Mira medeia um dilatado campo, que tem perto de uma legoa de comprido e um quarto de largo. É quasi todo roto em algares, pela maior parte cercados de penedias, com que ficam defendidos os gados e a gente. Procede este grande numero de algares de estar a campina muito baixa entre as serras; e como a agua que chove não tem para onde se divirta, sumindo-se por canaes subterraneos, ferve para cima na campina pelos ditos boqueirões, até encher todo o campo, em mais ou menos altura, conforme a abundancia da agua que ha chovido, d'onde resulta ficar este campo uma celebre lagôa, em que já andou uma bateira. E ou seja movida esta agua do vento, ou com o impulso com que sae dos boqueirões e logares subterraneos, levanta este lago ondas em seu tanto como as do mar.

«Ainda que todos estes algares manam agua em todo o inverno para encher esta campina, comtudo de dois logares mais celebres lhe vae a agua em maior cópia, e nascendo em uma parte do campo formam dois como rios, os quaes atravessam a campina pelo meio, e se vão sumir da outra parte. Um dos sitios onde nascem as aguas em mais crescida quantidade é entre os logares da Mira e Minde, na raiz da serra, onde chamam a *Pena do Poyo*, que é um penhasco alto e concavo, á maneira de alpendre. Nascem n'este logar as aguas claras, fervendo entre cascalhos tão brandamente, que não chega a sentir-se o murmurinho; das quaes se aproveitam logo uns lagares de azeite e moinhos de pão, e com ellas trabalham.

«O outro sitio, onde nascem as aguas em mais grossa quantidade, é no *Olho da Mira*, em cujo logar se sente nascer a agua como aos soluços, impellida por dentro de uma grande lapa subterranea, formada pela natureza, á maneira de um oculo, por cuja causa se chama o *Olho da Mira*. Corre em grande abundancia, fazendo andar moinhos e lagares, além da agua que verte pelos açudes, que não é pouca, junto ao seu nascimento. Corre impetuoso ao nascer, e dura mais tempo que os outros.

«Por causa d'esta enchente ficam os habitantes d'estes dois povos, Mira e Minde, impedidos para fabricar o campo, e colher d'elle os fructos de toda a casta, de que é fertilissimo; porque, como este campo é direito, e não tem escoante, nem communicação para outra parte subterranea, se faz preciso que os mesmos sejam algares e fontes: fontes para a lançarem fóra, e algares para que outra vez a recolham em si, e para dentro da terra. O *Olho da Mira* tão impetuoso é em a vomitar, como voraz em a tornar outra vez a engulir; e aquelle que até agora parecia um mar de agua, dentro em pouco se acha um campo sêcco: e esta variedade, tão celebre e monstruosa, convida a muitos estranhos a ir ver e celebrar esta maravilha da natureza.

«Faz-se celebre este espaço de terra pelo seu dilatado comprimento e largura, e pela profundidade, nascimento e sumidoiro das aguas. Vêem-se dentro abobadas, tectos, pavimentos e paredes, tudo obra da natureza; mas tão primorosamente fabricados, como se foram obrados pelos mestres mais peritos, e delineados pelo architecto mais engenhoso. Estende-se esta profundidade pela terra dentro setecentas ou oitocentas varas, e abate-se de maneira que, se estivesse a prumo, teria um bom quarto de legoa de altura. Depois que para ella se entra, sempre se vae descendo até ao fim; e se pozesse a prumo a sua profundidade, juntamente com o *oiteiro das sete Villas*, que fica visinho no cume da costa fronteira da Mira, faria uma boa meia legoa de altura.

«O que mais admira n'esta gruta, é que, tendo todo este comprimento desde o principio até ao fim, é tudo de penhasco inteiriço, sem medear sequer um palmo de terra. As aguas d'este lago tem a particularidade de serem de inverno quentes e de verão frescas, e sempre de bom gosto e saborosas. Tem-se observado que, crescendo e mingoando todos os annos, nunca a enchente passou de uma certa medida.

«São celebres por sobremaneira gostosas as enguias e eirozes d'este lago, e as pescam em caneiros em grande abundancia.

«A architectura com que esta gruta está traçada não é egual, porque em partes é redondada e direita, e em outras quadrada e obliqua; já se levanta o tecto do pavimento, e já se abate; porém de tal maneira, que sempre póde ir uma pessoa em pé por ella adiante folgadamente; já corre larga, e já se estreita; mas sempre dá passo franco a quem entra por ella. Em partes é o tecto liso, e em outras crespo, em altos e baixos. Lançando-se uma pedra dentro, por pequena que seja, faz um grande estrondo, que se fica ouvindo por muito tempo. O murmurinho das aguas, quando se batem umas com outras, ou se quebram nos rochedos, formam um som muito agradavel ao ouvido, e do mesmo modo é agradavel a consonancia que faz a voz quando dentro d'ella se canta.»

Em outro qualquer paiz seria concorrido este sitio de viajantes em todo o anno; no inverno para observarem o phenomeno das aguas; no verão para admirarem aquella gruta subterranea, e para visitarem as outras curiosidades naturaes que existem nas visinhanças. Haveria alli uma hospedaria, quando não fosse magnifica, pelo menos commoda. Em fim, aquellas curiosidades, com que a natureza dotou a serra de Ayre, seriam para os povos que habitam em derredor um manancial de recursos, um poderoso elemento de industria, como taes coisas costumam ser nos paizes mais cultos.

Em Portugal jazem commumente ignoradas essas

curiosidades, que as nações mais adiantadas transformam em riquezas naturaes, pelos resultados economicos que d'ellas colhem, e em instrumentos de civilisação, pela concurrencia de viajantes que attrahem a logares outr'ora ermos e selvagens.

Os pastores ou viajantes transviados, e por acaso algum raro curioso, são os poucos que entre nós tem conhecimento d'essas obras singulares da natureza. Assim, pois, não será sem utilidade este nosso trabalho.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Vid. pag. 306)

Para congregar os christãos ao serviço de Deus, e para lhes dar, por assim dizer, parte nas funcções religiosas depois dos ministros do altar, excitando o zelo pela religião, elles fundam as confrarias, e, dotando-as á custa de homens caridosos, alistam n'ellas os convertidos. Com o intento de dar ás mesmas associações a importancia social para serem mais respeitadas, modelam os seus estatutos segundo o preconceito das castas e côres, exigindo como um dos requisitos do ingresso em umas a pureza do sangue, em outras o titulo de gancar (senhor da aldeia), destinando similhantes confrarias aos principaes, e não apurando condições tão difficeis em outras, como para n'ellas se inscreverem as castas baixas. N'aquelles tempos de crença viva, em que tambem para os cargos elevados do estado não tem accesso os povos, as confrarias conferem uma certa distincção para os seus membros, e todos se porfiam entrar n'ellas segundo a differença da casta, como o ultimo termo das suas aspirações. Elles administram o cofre d'essas corporações, commisturam-se com os clerigos nas funcções religiosas, e celebram as festas com tanto ardor e pompa, que dispendem n'ellas muito dinheiro, e reunem amigos e parentes, para n'essa occasião serem obsequiados com banquetes e folguedos. O espirito ganha grande fervor, e os actos da egreja maior apparato. Com o primeiro o christianismo se arraiga entre os fieis; com o segundo se dilata pelos pagãos.

Com estes e outros esforços a fé atravessa como o anjo de fogo todas as provincias, todas as aldeias, todas as povoações das velhas conquistas. Não ha nada mais a receiar. A idolatria esbroada não levanta a cabeça. Os estudos das sciencias preparam os filhos de Goa para o ministerio do altar; elles são sacerdotes, confessores e prégadores, e os religiosos tem n'elles novos campeões do christianismo para annunciarem a verdade aos infieis. Fundam o convento da congregação, restabelecem a ordem dos carmelitas, lançam fundamentos para missões, e, fazendo prodigios no caminho das virtudes evangelicas e das letras, coroam-se no ceo e na terra com a dupla aureola de bemaventurados e sabios. No concurso para a escolha de parochos disputam os logares, entram nos tribunaes ecclesiasticos, são bispos, inquisidores, protonotarios apostolicos, e, segundo escreve o marquez de Pombal nas instrucções que dirige ao governador e ao arcebispo de Goa em 1774 para restaurar a India, são mais de dez mil ecclesiasticos indigenas, muitos d'elles oppositores, letrados, prégadores, e consummados theologos com distincto procedimento, que estão promptos para occupar os mais espinhosos cargos da egreja.

A influencia salutar d'esses tempos chegou até nós atravez da distancia de seculos, e as lições ensinadas por S. Francisco Xavier e outros seus inclitos companheiros perpetuam-se como legado de geração em geração. Não ha povo mais religioso que o de Goa. O seu espirito ainda não conheceu a indifferença do seculo, e a sua fé esclarecida e pura zombou dos assaltos da impiedade. As heresias são impossiveis, apesar de nos circundar o imperio inglez e nos infundir a vida economica pelo commercio e pela industria; e a sua fidelidade á egreja é tão proverbial, que se encontram opiniões exaltadas sobre a soberania pontificia contra os direitos magestaticos dos soberanos temporaes. Superstições e bigotismo, ha-os onde a illustração não abriu os olhos para a verdade e a religião não se comprehendeu em toda a sua sublimidade, e d'ahi vem as crenças e preconceitos populares, doença moral de todos os povos. As festas são concorridas, e com grande uncção celebrados os actos religiosos.

IV

Os religiosos foram não só prégadores e missionarios, mas tambem mestres e educadores, que ao lado da fé derramaram as letras e as sciencias, e ao pé dos templos edificaram os seminarios. A religião traz a civilisação, e onde brilha a luz da fé, ahi se levantam da degradação moral os povos que jaziam condemnados á barbarie pela dominação mahometana, depois de haverem chegado ao grande desenvolvimento da intelligencia, de que dão testimunho a organisação peculiar das leis e a fundação das instituições sociaes, que ainda permanecem. Roçam-se as barreiras do paganismo, rompe-se o monopolio litterario de alguns sacerdotes do theomorphismo, que especulam com a credulidade dos povos no meio do geral obscurantismo, e todos são chamados a cultivar o espirito, a abrir os olhos á luz da civilisação. O seminario de Santa Fé é destinado a educação de todos os povos orientaes, e se divide em duas estancias: na primeira prepara-se para a vida clerical o animo dos meninos, os quaes, se mostram engenho para as letras e vocação para o sacerdocio, passam a segunda estancia, onde aprendem musica, grammatica, rhetorica, philosophia e theologia. Religiosos de grande auctoridade na India e de provada capacidade na Companhia de Jesus ensinam n'este seminario, chamado universidade de Goa, e, segundo nos diz o *Oriente conquistado*, data de 1556 a abertura dos seus estudos com tres classes de latinidade, um curso de philosophia e uma cadeira de moral.

Além d'este seminario, os jesuitas fundam outro em Rachol, na provincia de Salsete, e o quadro das disciplinas que ahi se ensinam é apropriado á vida clerical, conforme o caracter e tendencias d'aquelles seculos, que chamavam ao serviço do altar as intelligencias mais robustas e os animos mais esforçados. Tanto o seminario de Santa Fé como o de Rachol sustentavam o monopolio da educação dos povos, e dilatavam a influencia da Companhia por toda a India, porque então nenhum estabelecimento litterario competia, no modo de instruir e educar os discipulos, com os dos filhos de Santo Ignacio, e póde-se dizer que toda a instrucção, desde as humanidades até as sciencias, que se professavam, e toda a educação severa e exemplar, que se inoculava, era dirigida pelos mestres da Companhia, das sciencias e do espirito, e tão vantajosamente, que até hoje, que tantos annos hão decorrido, e tantas vicissitudes transformado os estudos, a influencia da educação e instrucção, rompendo as fronteiras dos seculos e das idéas, tem chegado irresistivel a dominar nas nossas escholas.

Depois d'estes dois seminarios, havia outros monasticos, que tambem concorriam para disseminar a instrucção na Asia, e eram o collegio de S. Boaventura, pertencente aos franciscanos observantes; o de Nossa Senhora de Pilar e o dos Reis Magos, aquelle dos franciscanos reformados, e este dos observantes; o de S. Thomaz, pertencente aos dominicos; e o de Nossa Senhora do Carmo, dos congregados oratorianos. Entre estes collegios, uns já derrocados, e outros que ainda

existem de pé, foi o mais notavel o de S. Thomaz, denominado collegio academico, onde eram admittidos alumnos estranhos á ordem, para o estudo sempre florecente de linguas, philosophia e theologia, e onde se formaram profundos theologos thomistas muitos clerigos indianos.

Não havia nos seculos XVI, XVII, e até o meiado do seculo XVIII, mais escholas em Goa além das que vão enumeradas, e mesmo a instrucção primaria, que se ensinava nas escholas das egrejas, as primeiras que foram abertas por D. João de Castro, por ordem del-rei D. João III, era regulada pelos religiosos segundo as exigencias do tempo. Tocar a rebeca e o pandeiro, tirar os sons do orgão, repetir de cór as orações e o cathecismo, ajudar a missa e psalmodiar o psalterio, ler, escrever e contar, tal era o estudo, que até hoje se professa n'essas escholas, completo para um catechista e preparatorio para um sacerdote.

Em todo o tempo e em toda a parte são os religiosos que instruem e educam os povos. Até aqui vêmol-os mestres e directores; vamos a vêl-os escriptores e chronistas.

No seculo XV João Guttemberg inventa a imprensa, e quando muitas cidades da Europa desconhecem essa prodigiosa arte, a locomotiva do progresso, na expressão de Victor Hugo, e em Portugal poucas terras começam a saũdal-a no principio do seculo XVI, os jesuitas transportam-n'a para Goa, e collocam-n'a no collegio de S. Paulo (de Santa Fé), e no de Santo Ignacio, em Rachol; e, graças aos seus esforços, a India se gloria de ser um dos primeiros paizes que viram o maior invento dos tempos modernos. Nos primeiros annos da evangelisação, os missionarios jesuitas e franciscanos estudam a lingua concani, pela qual devem prégar a palavra de Deus, e, escrevendo grammaticas, diccionarios, cathecismos e varios tratados da religião, imprimem os livros que são mais urgentes nas typographias da cidade e de Salsete. São tantas estas obras e tão numerosos os seus auctores, que sairiamos fóra dos limites d'este artigo se quizessemos ordenar a sua relação, a qual podem os curiosos ver na *Bibliotheca lusitana* de Diogo Barbosa Machado e no *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

Passados os annos da conquista, nos fins do seculo XVI e no seculo XVII, quando os povos entendiam a lingua portugueza e era dispensavel o concani para a propagação da verdade, os mesmos religiosos se dão ao trabalho de escrever em portuguez exposições da fé, refutações do gentilismo, praticas, sermões e meditações. Estas obras, umas são impressas em Lisboa e outras em Goa, e de todas fazem menção os citados dois bibliographos.

Deixemos as obras asceticas, investiguemos as historicas, e, entrando em todos os conventos, acharemos em cada um o seu chronista escrevendo os fastos da sua religião ou noticias sobre os seus varões memoraveis. Na Companhia de Jesus, o padre Sebastião Gonçalves escreve a chronica, que não chegou a ser impressa, e depois d'elle o padre mestre fr. Francisco de Sousa, natural da Bahia, e lente de theologia, prefeito e chancellario da universidade de Goa, tão erudito como classico, compõe em 1697 os annaes dos filhos de Santo Ignacio na Africa e na Asia, com o titulo de *Oriente conquistado a Jesus Christo*, que foi publicado em Lisboa, na officina de Valentim da Costa Deslandes, em 1710. No convento de Santo Agostinho, D. Fr. Antonio de Gouvêa, bispo titular de Cirene, prelado da sua religião, e duas vezes legado pontificio na Persia, publica um sermão, que prégou em Goa nas exequias do governador André Furtado de Mendonça, e varias relações das missões dos augustinianos na Persia e no Oriente; sendo a mais memoravel a *Jornada de D. Fr. Aleixo de Menezes á serra do Malabar*, impressa em Coimbra por Diogo Gomes Lourenço em 1606, vertida em hespanhol e francez, e tão apreciada por nacionaes e estrangeiros. No convento da Madre de Deus, fr. Jacinto de Deus, natural de Macau, provincial da sua ordem e deputado da inquisição de Goa, escreve varios livros curiosos, e entre elles o *Vergel de plantas e flores da provincia da Madre de Deus*, estimada chronica da sua religião, impressa em Lisboa por Miguel Deslandes em 1690. No convento de S. Francisco, no de S. Domingos, no de S. Caetano e outros, se escreveram sermões, relações e chronicas; umas vieram á luz da publicidade, e outras ficaram inéditas para sempre, tendo a mesma sorte da maior parte das melhores obras portuguezas, as quaes, como diz Ferdinand Dinis, mesmo no tempo da influencia jazeram desconhecidas aos sabios estrangeiros, e porventura mesmo aos nacionaes.

Publicando tantas e tão valiosas obras, os religiosos deixaram um bom exemplo e um grande incentivo aos seus discipulos, porque quasi que os convidaram a tentar a tarefa que haviam desempenhado, e, diga-se em honra da intelligencia dos filhos de Goa, os mestres encontraram dignos imitadores em todos os assumptos. Em 1694, Simão Alz, natural de Chorão, das ilhas de Goa, escreve a arte da grammatica bracmana, acompanhada do vocabulario de tres linguas, portugueza, concani e castelhana, composto por elle e por seu pae, Lourenço Alz, e em 1696, ambos elles, pae e filho, ordenam um dialogo entre o confessor e o penitente, na mesma lingua de Goa. O padre Antonio João de Frias, licenciado na theologia, parocho, notario apostolico e promotor do juizo ecclesiastico, escreve varios livros, dos quaes só chegou a ser impressa em 1702, em Lisboa, por Miguel Deslandes, a *Aureola dos indios e nobiliarchia bracmana*. O padre Leonardo Paes, formado em canones na universidade de Coimbra, parocho, e tão lido nas coisas da India, escreve um compendio das noticias da Asia, intitulado *Promptuario das defensões indicas*, impresso em Lisboa por Antonio Pedroso Galvão em 1713. O padre Paschoal Gomes de Faria, religioso, familiar com os melhores livros portuguezes do seu tempo, compõe additamentos em lingua concani á *Paixão de Christo*, escripta pelo padre Thomaz Estevão, e dá-os á luz da publicidade em 1722. O padre Jacome Gonçalves, tão grande litterato como missionario insigne, escreve tantas obras religiosas para a propagação da fé em Ceylão, em varias linguas e sobre variado assumpto, que formam uma grande bibliotheca, quasi toda divulgada em cópias manuscriptas, chegando poucas a ser impressas nos principios do seculo XVIII. O padre Sebastião do Rego, parocho, congregado, e depois theatino, orador e escriptor aprimorado, escreve a chronica da congregação, pronuncia varios sermões, dos quaes um viu o lume da imprensa, e compõe a *Vida do veneravel padre Joseph Vas*, impressa em Lisboa em 1745, e reimpressa em Margão em 1867 com additamentos e notas.

Estes e outros escriptores nunca chegariam a honrar a sua patria, se não tivessem a fortuna de aparar as suas pennas nas escholas dos religiosos; e tanto mais deve ser n'esta parte abençoada a influencia d'estes, quanto é certo que n'aquelles tempos a arte de escrever foi desconhecida aos filhos de Goa, entre os quaes era raro conservar papel e penna que servissem para escrever uma carta, e rarissimo o que por longa pratica estava habilitado a dictar uma epistola e a minutar um requerimento, e aos quaes seria espanto e parceria impossivel, se se lhes revelasse, que no seculo XIX os seus descendentes não só haviam de escrever com facilidade e correcção, mas até fundar imprensas periodicas para a discussão dos negocios publicos e para a manutenção dos direitos politicos!

(Continúa) J. C. BARRETO MIRANDA.